



Desafios no coletivismo do campo: Uma abordagem de Vivência no Assentamento Volta Terra em Cruz das Almas, Bahia.

Challenges in the collectivism of the field: An approach of Living in the Settlement Volta Terra in Cruz das Almas, Bahia.

OLIVEIRA, Michelle Dos Santos¹; SILVA, Juliano Rezende Mudadu²

¹Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, chellyoliveira95@gmail.com; ² Universidade Federal de Viçosa, julianomudadu@gmail.com

Eixo temático: Construção do conhecimento Agroecológico e Dinâmicas Comunitárias

Resumo: A coexistência recíproca é de fundamental para o desenvolvimento da vida em sociedade, o ser humano em sua essência pode ser compreendido através de suas ações coletivas. O presente relato tem como objetivo apresentar uma experiência vivenciada durante o XI Estágio Interdisciplinar de Vivência e Intervenção (EIVI) no Assentamento Volta à Terra, relacionada aos desafios da coletividade no cotidiano dos assentados no contexto do assentamento ligado pelo Programa Nacional de Crédito Fundiário (PNCF).

Palavras-Chave: reforma agrária; Coletividade; Crédito Fundiário

Contexto

É natural do ser humano viver em sociedade e compartilhar dos bens comuns. Sempre atrelado as decisões da sociedade não existindo diferenças individuais, todos são aptos a participação, por entender que estes por direito são iguais. A necessidade de viver em sociedade traz responsabilidades como nas decisões políticas, espaço que não convém apenas o pensamento individualista, na coletividade é importante entender que todos vivem integrados num grupo social (DALLARI, 1983). Na gestão democrática é fundamental a inclusão e a participação de todos os atores do processo. Muitas vezes as decisões coletivas se perdem em discursões individuais e os sujeitos do processo não conseguem se enxergar como coparticipantes, aumentando dessa forma os desafios da coletividade (QUEIROZ, 2016).

Nesse contexto a agroecologia com uma perspectiva de produção participativa do camponês surge de forma antagônica ao modelo proposto pela revolução verde, representada hoje pelo agronegócio, que vem sendo mais frequentemente presente na vida do campo com os pacotes de adubação química, agrotóxicos e sementes transgênicas. Para reverter esse cenário o processo de transição agroecológica vem ocorrendo, uma vez que o modelo proposto pelo agronegócio é insustentável para os agricultores e poder ser transformada em modelo de produção integrada a todas as dimensões ambientais, alimentares e sociais.

A experiência, do presente relato de vivência, ocorreu no assentamento Volta à Terra, localizado em Cruz das Almas no Recôncavo Baiano, durante o XI Estágio



Interdisciplinar de Vivência e Intervenção no Estado da Bahia (EIVI BAHIA), no período de 12 à 31 de Janeiro de 2019. O EIVI tem o objetivo central de fomentar a organização popular para o enfrentamento de problemas concretos da classe trabalhadora, compreendendo três dimensões: capacitação de educadores/as populares, realização de vivência em assentamentos, acampamentos e áreas de reforma agrária e problematização por parte da comunidade sobre sua realidade e seus problemas em uma perspectiva transformadora e libertadora. Sendo promovido pela Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia e organizado pelos coletivos Núcleo de Estudos e Práticas em Políticas Agrárias (NEPPA) e Grupo de Ação Interdisciplinar em Agroecologia (GAIA).

Neste sentido, o presente relato de experiência buscou descrever os desafios da coletividade evidenciados pelos autores durante a vivência em um assentamento produto do plano de crédito fundiário no Recôncavo da Bahia. A abordagem utilizada foi por meio de observação dos viventes e conversas com moradores sobre o processo histórico do assentamento, durante o período da vivência no assentamento.

Descrição da Experiência

O XI Estágio Interdisciplinar de Vivência e Intervenção foi organizado pedagogicamente em 3 (três) momentos, Capacitação/Formação, Vivência e Avaliação. O presente relato irá apresentar a descrição do período que ocorreu a vivência, momento que acontece a interação dos viventes com a comunidade. Espaço oportuno para o despertar do entendimento e reflexão da realidade do(a) trabalhador(a), vivenciando o dia-a-dia de trabalho, dinâmica familiar e organização do assentamento. Foi o momento em que foi possível evidenciar as contradições sociais presentes no sistema capitalista de produção expressas no agricultor camponês, possibilitando assim uma leitura da realidade dessa estrutura.

O assentamento Volta À Terra não está vinculado a nenhum movimento social de luta pela terra mas ao Programa Nacional de Crédito Fundiário (PNCF), onde a terra é financiada e os beneficiários pagam a longo prazo pela sua posse. Os assentados se organizam através da Associação Volta à Terra, associação própria do assentamento. A organização coletiva em um assentamento é fundamental para a compreensão, participação nas decisões e superação dos desafios vivenciados pelo povo do campo.

No início da vivência, ocorreu um planejamento das atividades realizada junto com a comunidade baseando-se das demandas do assentamento. Uma demanda apresentada pelos assentados foi a respeito de um revitalização do viveiro coletivo de mudas para o reflorestamento da barragem. Devido as dificuldades de mobilização coletiva dos assentados, justificada principalmente pela dedicação das suas atividades domésticas pessoais, o mutirão de limpeza do viveiro ocorreu com a participação dos viventes e de um morador. Ficando evidente a dificuldade de mobilização da comunidade e a não conclusão da revitalização do viveiro. Dessa forma, uma intervenção concreta, para estimular a coletividade, não aconteceu, uma



vez que o trabalho coletivo entre os assentados se transformou em uma atividade esporádica de um grupos de estagiários.

No assentamento a principal atividade é a horticultura e agricultura de sequeiro, ainda bastante atrelado ao pacote químico, onde os agricultores utilizam sementes de grande empresa multinacionais e comercializam seus produtos subsidiados por atravessadores. O agronegócio propõem um modelo de produção enviesado de forma fragmentada, e esse é o principal desafio dos camponês, esse é o principal desafio dos assentados do Volta à Terra, produzir respeitando os saberes tradicionais e a natureza, visualizando uma organização social para que possam vender seus produtos alimentícios de forma justa e o principalmente ter a subsistência com alimentos de qualidade, garantindo a segurança alimentar.

Nesse modelo de assentamento, os assentados são responsáveis pelos seus lotes individualmente, identificando portanto outra demanda na realização de tarefas nos lotes individuais como foi a limpeza dos canteiros, processo feito manualmente de retirada plantas espontâneas. Essa ação foi incentivada para a não utilização de herbicidas, fazendo parte do processo de transição agroecológica em que o assentamento esta inserido.

Em paralelo aconteceu um espaço de ciranda com as crianças, com o intuito de envolvê-las no processo de vivência e discutir de forma lúdica sobre temas importantes, como a participação das crianças nas atividades coletivas e o reconhecimento delas como importantes no processo de organização da comunidade.

Foi realizado também uma sessão de Cineclube rural na sede da associação. Assistimos o curta metragem brasileiro “Acorda Raimundo”, que aborda de forma objetiva a questão da divisão sexual do trabalho: um casal tradicional vive um dia com os papéis trocados, enquanto a mulher sai para trabalhar e sustentar a família o homem fica em casa cuidando do filho e fazendo trabalhos domésticos. Houve a participação dos estagiários, assentados e surpreendentemente o predomínio de pessoas externas. Após a exibição do filme ocorreu um debate entre os diversos olhares sobre a temática.

A vivência no assentamento se encerrou com um almoço coletivo feito pelos estagiários. Não ocorrendo como esperado, com a participação de poucos assentados.

Na descrição fica evidente a realidade de um assentamento oriundo do credito fundiário quanto as dificuldades de se desenvolverem coletivamente e principalmente os desafios dos coletivos para desenvolverem o trabalho de base para o estímulo da coletividade e de ações que fomentam o processo de transição agroecológica.

Durante o período de vivência foi observado dos assentados relatos das dificuldades enfrentadas desde a criação do assentamento em 2012 até a atualidade como



dívidas pessoais e o pagamento da terra, através do Programa Nacional de Crédito Fundiário (PNCF), que busca oferecer condições para que os trabalhadores e trabalhadoras sem terra ou com pouca terra possam adquirir imóvel rural por meio de financiamento, estimulando o agricultor a desenvolver suas atividades de forma independente e autônoma. Reconhecendo que existe processos históricos que são diretamente influentes na vida desses agricultores.

Deste modo foi compreendido que esse modelo de reforma agrária que estimula o individualismo do ser humano causa a perda da identidade dos assentados, outra problemática associada ao povo do campo e a organização social é o seu envelhecimento, implicando perpetuação das gerações. São tantas as alternativas que podem ser citadas porém o que tem por concreto é a falta de ânimo coletivo dos assentados, pois eles buscam da forma mais difícil solucionar os problemas do assentamento, de forma individualizada. No entanto para lutar por uma sociedade mais igualitária, justa para todos, é necessário está unido e isso só dará ombro a ombro nas trincheiras de luta.

Resultados

As lições aprendidas colocam a necessidade de se afirmar o trabalho junto à comunidade numa perspectiva de educação libertadora, como a participação das mulheres protagonizando as atividades do campo, desenvolvimento de atividades comunitárias na perspectiva de fortalecimento identitário de todos os assentados.

De modo que a agroecologia surge no cenário como um novo enfoque científico capaz de dar suporte a uma transição a estilos de agriculturas sustentáveis, e como bandeira de enfrentamento ao modelo capitalista para o campo. Com a integração de suas técnicas capazes de aumentar a produtividade e a diversidade de culturas, mantendo o equilíbrio do ecossistema, diminuindo assim a dependência dos pacotes químicos e instabilidade do mercado. Além do mais tais técnicas trabalham para a valorização e permanência do homem do campo. A percepção é aprimorar a utilização de recursos disponíveis no campo através da combinação dos diferentes componentes do sistema agrícola, (plantas, animais, solo, água, clima e população), de modo que estes complementem uns aos outros.

Agradecimentos

Os autores agradecem a todas as famílias do assentamento Volta à Terra, que apesar das dificuldades abriram as portas de suas casas para receberem os estagiários do XI Estágio Interdisciplinar de Vivência e Intervenção EIVI-BA, e um agradecimento especial aos grupos construtores do XI EIVI-BA, ao Grupo de Ação Interdisciplinar em Agroecologia - GAIA, ao Núcleo de Estudos e Práticas em Políticas Agrárias – NEPPA.

Referências bibliográficas

Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe - v. 15, no 2, 2020.



DALLARI, D. A. **O que é participação política**. São Paulo: Brasiliense, 1983

QUEIROZ. I. S. ; SANTOS. L. C. Desenvolvimento local a partir da participação comunitária. **revista brasileira de planejamento e desenvolvimento.**, Curitiba, v. 6, n. 1, p. 84-96, jan./abr. 2016.